

Refletir e agir

Reflect and act

Réfléchir et agir

Helenice Maia Gonçalves
Universidade Estácio de Sá
helemaia@uol.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-1169-9051>

Em um livro-diálogo, editado em 1985, Paulo Freire e Ira Shor discutiram questionamentos de professores sobre a educação transformadora e que se mostravam interessados em temas como mudança social, classes libertadoras e situações que enfrentavam na escola e na sociedade. Dentre as muitas conversas que travaram em Amherst, Ann Arbor, New York, Vancouver e Massachusetts, selecionei o seguinte trecho:

PAULO. *Você sabe, Ira, acho que todas essas coisas que você está dizendo neste momento estão ligadas a uma questão epistemológica muitíssimo séria. Estou convencido de que a compreensão deficiente do que podemos chamar de ciclo gnosiológico está relacionada a esses mal-entendidos sobre que estamos falando. Por exemplo, se observarmos o ciclo do conhecimento, podemos perceber dois momentos, e não mais do que dois, dois momentos que se relacionam dialeticamente. O primeiro momento do ciclo, ou um dos momentos do ciclo, é o momento da produção, da produção de um conhecimento novo, de algo novo. O outro momento é aquele em que o conhecimento produzido é conhecido ou percebido. Um momento é a produção de um conhecimento novo e o segundo é aquele em que você conhece o conhecimento existente. O que acontece, geralmente, é que dicotimizamos esses dois momentos, isolamos um do outro. Consequentemente, reduzimos o ato de conhecer do conhecimento existente a uma mera transferência do conhecimento existente. E o professor se torna exatamente o especialista em transferir conhecimento. Então, ele perde algumas das qualidades necessárias, indispensáveis, requeridas na produção do conhecimento, assim como no conhecer o conhecimento existente. Algumas dessas qualidades são, por exemplo, a ação, a reflexão crítica, a curiosidade, o questionamento exigente, a inquietação, a incerteza – todas estas virtudes são indispensáveis ao sujeito cognoscente!*

IRA. *O ceticismo e o olhar crítico, o envolvimento apaixonado com a aprendizagem... a motivação de saber que você está descobrindo novos territórios. O professor precisa ser um aprendiz ativo e cético na sala de aula, que convida os estudantes a serem curiosos e críticos... e criativos.*

Paulo Freire e Ira Schor
Medo e Ousadia. O cotidiano do professor.
Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 13.

Paulo Freire, neste fragmento de texto, indica as qualidades indispensáveis à produção do conhecimento e, dentre elas, destaco a **ação** e a **reflexão crítica**, elo que escolhi para articular os dezessete artigos do número 47 da Revista Educação e Cultura Contemporânea e que foram distribuídos em quatro blocos temáticos e uma seção de Revisão de Literatura. O binômio **refletir-agir** está presente em todos os manuscritos aqui apresentados, evidenciando o quanto nossos autores estão empenhados em percorrer caminhos que apontem para mudanças que, como diz Ira Schor, são inevitáveis na experiência humana.

O primeiro bloco é composto por artigos cujos autores **refletiram** sobre formação docente, práticas didático-pedagógicas e trabalho do professor.

Sonia Regina Mendes dos Santos e Diego Ferreira em “As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação e a Didática Multidimensional: por uma resignificação necessária”, propõem uma **reflexão** sobre Didática a partir de duas concepções: a Didática Fundamental, defendida por Vera Candau, e a Didática Multidimensional, proposta por Maria Amélia Santoro Franco e Selma Garrido Pimenta, para promover a discussão, numa perspectiva crítica, sobre a presença e a importância das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICS) tanto na vida das pessoas quanto no contexto educacional. Os autores defendem que para **agir** em prol de uma melhor incorporação destas tecnologias nos sistemas educativos e facilitação do uso de produtos tecnológicos por alunos e, por que também não dizer, pelos professores, é necessária uma profunda formação teórica docente em Didática; investigação sobre as perspectivas teórico-conceituais presentes nas políticas educacionais que envolvam TDICS e como estas são

didaticamente utilizadas; e inter-relação permanente da dimensão político-social com a experimentação de práticas didáticas.

Dirce Aparecida Foletto Moraes e Claudia Maria de Lima investigaram as apropriações e a inter-relação dos jovens adultos ingressantes em uma universidade pública do interior do Paraná com artefatos digitais na vida cotidiana e suas consequentes implicações sociais, culturais e cognitivas, apresentando suas **reflexões** no artigo “A inter-relação do jovem adulto com os artefatos digitais na vida cotidiana: apropriações e implicações sociais, culturais e educacionais”. Apesar de não se referirem expressamente à Didática, as autoras parecem a ela se referir ao afirmarem que os artefatos digitais têm servido para concretizar diferentes práticas e atividades, assim como para promover novas formas de interação, de trabalho, de comunicação e de aprendizagem, favorecendo modificações importantes no contexto social, cultural e cognitivo. Mais ainda, enfatizam que é nos modos de apropriação e as contribuições que proporcionam aos sujeitos em suas práticas que repousa o potencial mediador de diversos artefatos digitais para imprimir mudanças nas formas de **pensar** e **agir**. Os resultados de sua pesquisa evidenciaram que os artefatos digitais estão inseridos na vida cotidiana dos jovens e seu uso está consolidado entre eles como prática cultural para diversos fins, impactando sua forma de viver e deles exigindo esforço diferenciado que envolve suas capacidades sensoriais e lógicas. Portanto, é necessário **refletir** sobre os processos formativos oferecidos a estes jovens e **agir** sem deixar de levar em conta o potencial que tais dispositivos oferecem no processo de evolução do pensamento.

Refletir sobre as possibilidades didático-pedagógicas dos recursos audiovisuais e seus desdobramentos metodológicos por meio da análise fílmica é o que propõem Marcio Antonio Raiol dos Santos, Margarida do Espírito Santo Cunha Gordo e Carlos Afonso Ferreira dos Santos. No artigo “Análise fílmica e educação: metodologia e necessidades formativas docentes” os autores defendem que o cinema tem importante papel no espaço educativo por proporcionar discussões que incidem sobre o processo de ensino aprendizagem, que o uso de filmes apresenta formas que desenvolvem o processo pedagógico de utilização desses materiais como ferramenta formativa e que o professor atua como mediador constante no

processo que conduzirá a análise dos filmes pelos alunos. Em sua pesquisa, investigaram o valor educativo atribuído por 44 professores dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará em Belém do Pará (Região Amazônica) a esta ferramenta educativa e as necessidades formativas para sua utilização. Após a análise dos dados, concluíram que o cinema pode assumir diferentes papéis no ambiente escolar para além de facilitador da aprendizagem, mas que a formação docente para o uso do cinema como recurso didático era mínima, o que pode acarretar prejuízos significativos para que objetivos educacionais possam ser alcançados. De acordo com os autores, é preciso **agir** para que a linguagem cinematográfica seja utilizada como um recurso pedagógico no processo de ensino aprendizagem.

Em “Análise do macrocampo esporte e lazer em um programa de educação integral e(m) tempo integral”, Kleber Tuxen Carneiro, Bruno Adriano Rodrigues da Silva, Fábio Pinto dos Reis e Raphael Henrique Mota Guilarducci promovem, inicialmente, uma **reflexão** a respeito de programas de educação integral e(m) tempo integral, expressão cunhada por Ana Maria Cavaliere e Ligia Coelho para caracterizar programas cujo investimento financeiro e pedagógico é direcionado apenas aos alunos, tal como o Mais Educação. O foco de sua pesquisa é o Programa de EITI desenvolvido em uma escola pública estadual de Lavras, em Minas Gerais, voltada para os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, onde a mediação pedagógica é realizada por meio de oficinas e trabalho voluntário, o que lhe conferiu um lugar secundário em relação às atividades regulares da instituição. Concluem que **agir** em benefício da qualidade da intervenção pedagógica e dos conhecimentos difundidos nos interior das oficinas e do incentivo ao protagonismo docente é um investimento prioritário para o desenvolvimento de práticas esportivas e de lazer.

Joelson Juk e Fausto dos Santos Amaral Filho em “A implantação da Educação Profissional Técnica no Brasil no século 20: emancipação humana ou sujeição instrumental”, por meio de uma **reflexão** profunda, fazem uma crítica sobre o sistema educacional profissionalizante, buscando compreender em que medida a superação da razão instrumental se deu por meio de um processo educacional

politécnico, com o uso de tecnologia da educação capaz de estimular a imaginação, a criação, a crítica e a autocrítica da classe trabalhadora. Informam que a Didática que regia os processos pedagógicos nas escolas técnicas em sua criação, no início do século XX, estava centrada na transmissão repetitiva de métodos e práticas que seriam utilizadas nas fábricas e oficinas, sendo retiradas disciplinas propícias à crítica social e política. Este modelo, com algumas pequenas alterações, perdura até os dias atuais, perpetuando a histórica dualidade: escola técnica para os trabalhadores e a escola clássica para as classes dirigentes e políticas. Os autores concluem que é necessário **agir** em defesa de uma proposta educacional profissional técnica integral, de conceitos de politécnia e de tecnologia da educação profissional técnica.

No último artigo deste primeiro bloco, “Estudo sobre potencialidades dos registros avaliativos discutidos em colaboração para o aprimoramento das práticas pedagógicas”, Denise de S. G. Llata e Magali Aparecida Silvestre apresentam resultado de pesquisa realizada com professoras que atuavam nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil de uma escola pública. Seu objetivo foi verificar se os registros da avaliação da aprendizagem contribuíam para o acompanhamento do aprendizado dos alunos e promoviam mudanças na ação docente. Da análise de prosa do material coletado por meio de discussão colaborativa durante o trabalho coletivo de 18 professoras, foram criadas quatro categorias que revelaram que os registros assumem caráter burocrático e ainda não são utilizados como um apoio ao trabalho docente. Conforme **refletem** as pesquisadoras, quando realizado um processo avaliativo mais sistematizado, os registros avaliativos se tornam um aliado das práticas docentes. Portanto, é preciso **agir** para identificar não apenas as dificuldades que as professoras têm com a avaliação da aprendizagem de seus alunos, como também buscar meios adequados para que elas e a equipe escolar possam melhorar as práticas docentes.

No segundo bloco encontram-se artigos cujos autores se dispuseram a **refletir**, sobre inclusão, desigualdade, diferença, relações entre os sujeitos, suas vivências e experiências sob distintos matizes.

Incluir é aceitar o ponto de vista do outro, dizem Alexandre Guilherme e Caroline Becker, autores do artigo “A importância de Buber para a educação: repensando as relações eu-tu e eu-isso”, ao apresentarem uma **reflexão** sobre as contribuições do filósofo Martin Buber acerca das relações que se estabelecem na Educação, para uma formação que privilegie a condição humana e o desenvolvimento pelo diálogo. Eles afirmam que estamos vivendo tempos de profunda angústia, causadas, sobretudo, pela falta de tempo, de crises de ansiedade, pelas relações líquidas, como define Zygmunt Bauman. Consideram que Buber traz algum alento ao apresentar considerações e possibilidades para o estabelecimento de relações e experiências mais profundas, propondo que os homens descubram a realidade vital de suas existências e abram os olhos para a situação concreta que estão vivendo. Acrescentam que Bauman e Buber recomendam tomar consciência e **agir reflexivamente** para viver em plenitude. Explicam que, para Buber, estabelecemos relação EU-TU (um encontro de reconhecimento mútuo) e relação EU-ISSO (que envolve experiência e a utilização ou uso), e que EU só existe ao estabelecer relação com o outro TU ou ISSO. Daí decorre a importância do “entre”, que se dá nas relações EU-TU e EU-ISSO, as quais se apresentam como meio para conhecer e vivenciar o mundo. Finalizam afirmando que somente pelo diálogo podemos estabelecer relações plenas e promover a paz, pois ele é uma ferramenta de troca de pontos de vista que promove a **reflexão** e o pleno desenvolvimento do aluno.

Tatiana Machiavelli Carmo Souza e Izabela Assis Rocha em “Investigando o assédio sexual em universitárias: a violência de gênero na Universidade Federal de Goiás/Regional Jataí” **refletem** sobre o assédio sexual. Citando Pierre Bourdieu ao identificarem este ato como violência simbólica, chamam a atenção para a pequena produção brasileira sobre o assunto, principalmente aquele que ocorre em instituições de ensino superior, razão pela qual buscaram conhecer, por meio de pesquisa quanti-qualitativa, situações de assédio sexual vividas por 175 universitárias do sudoeste goiano. Um dos resultados preocupantes de seu estudo é que a maioria dos casos de assédio sexual sofrido pelas universitárias foi perpetrado por seus colegas e outros estudantes e que o contato físico indesejado é realizado

tanto por eles quanto por professores. As autoras apontam que a ausência de discussões sobre o assédio sexual espelha a invisibilidade e a naturalização social da violência de gênero, sendo necessário **agir** para difundir informações e desenvolver políticas institucionais para sua prevenção e repressão.

Finalizando este segundo agrupamento, Carlos Lopes e Beatriz Helena Pinho Silva em “Egressos de curso de graduação a distância: perfil, dificuldades nas trajetórias e sentido do diploma” apresentam **reflexões** a respeito da modalidade educação a distância mediada pelo uso de modernas tecnologias. Buscaram analisar as dificuldades de estudantes egressos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação oferecido pela Universidade de Brasília no âmbito do Programa Universidade Aberta do Brasil, cuja ênfase está na expansão da educação superior com qualidade e na promoção da inclusão social. Os autores ponderam, entretanto, que a UAB não pode ser vista como salvadora da educação ou que consegue atingir todo o território brasileiro. Sua pesquisa mostrou que os alunos que frequentavam o curso apresentavam dificuldades inerentes ao Ensino Médio e Fundamental, o que os levou a perguntar se a educação básica preparava os alunos para a educação superior. A resposta dada por eles é **agir** para a melhoria da qualidade do ensino naqueles níveis para entender o perfil acadêmico do aluno que cursa um nível superior no Brasil.

O terceiro bloco apresenta artigos cujos autores **refletem** sobre educação, tomando aspectos filosóficos como norteadores.

Anelice Ribetto e Rosimeri Dias em “Micropolítica e uma aposta ética, estética e política de formar professores pela invenção” estavam interessadas em explorar a noção de problema e **refletiram** acerca da possibilidade de uma formação inventiva de professores no entrelugar universidade e escola básica, a partir Gilles Deleuze e Felix Guattari. Por meio de pesquisa intervenção com escolas, discutiram com alunos e professores sobre problemas que fazem parte da vida institucional, tais como indisciplina, violência, infrequência, reprovação e não aprendizagem, buscando agir com o olhar voltado para o cotidiano. Seu estudo evidenciou que pesquisar, intervir, conhecer e transformar fazem parte do mesmo processo e que é necessário **agir** para que o processo formativo atente para o presente e o estranho.

Defendem que a situação de experimentação entre aprender e ensinar é fundamental para a invenção de si e do mundo.

Em seu artigo “O que nos ensina Shopenhauer educador”, Alberes Siqueira Cavalcanti contextualizou o pensamento nietzschiano com a finalidade de **refletir** sobre o sentido da educação filosófica no contexto contemporâneo. O autor informa que Nietzsche valoriza a vida humana e despreza a tradição ocidental, postulando que a educação e a cultura estão sob a égide de interesses utilitários e pragmáticos do Estado, do mercado e das universidades, provocando a degradação dos homens. A filosofia shopenhaueriana é abraçada por Nietzsche que o vê como o educador que prepara o caminho para a formação do “gênio”, para quem a cultura e a educação devem servir. Alberes conclui que, nos dias atuais, devemos **agir** para que cultura, educação e filosofia não sejam reduzidas a fins pragmáticos e utilitários, pois pagaríamos o preço da decadência.

Ivan Luís Schwengber e Ireno Antônio Berticelli em “Tradução e totalidade: reflexos educacionais” objetivaram assinalar o surgimento da problemática da herança da modernidade e apontam a necessidade de **refletir** sobre novas totalidades e sentidos e suas significações pedagógicas. Afirmam que concentrarão suas análises no problema da modernidade e paradigma emergente e sobre o tipo de conhecimento proposto na tese de Boaventura Santos, *Conhecimento prudente para uma vida decente e o papel do tradutor*. Os autores explicam que as pessoas (os intelectuais) não conseguem viver as alteridades porque se fecham em suas verdades absolutizadas, cristalizadas e dogmáticas, produzindo monólogos que não se integram. Consideram que uma cacofonia não muito bem organizada sobre o que seja superação da modernidade é gerada por muitos intelectuais porque duvidam da necessidade de estabelecer uma sinfonia, uma vez que acreditam na lógica da diferença. Concluem que a convivência sadia dos seres humanos, os valores de solidariedade e tolerância precisam estar presentes nos meios acadêmicos e que **agir** para criar interfaces, zonas de contatos, conviver e dialogar é essencial.

Fechando este terceiro bloco, Fernanda Monteiro Rigue e Priscila Peixoto apresentam no “Estudo comparativo entre as ciências naturais e as ciências humanas e sociais: a emergência da indústria acadêmica” uma comparação entre

três periódicos qualificados como A1 da área das Ciências Naturais (Química e Ciências Biológicas) e três periódicos também A1 das Ciências Humanas e Sociais, com ênfase na Educação, publicados entre 2013 e 2016. As autoras analisaram a influência das Ciências Naturais, sob a perspectiva de Thomas Kuhn, e a abordagem da Indústria Cultural e da Semiformação, proposta por Theodor Adorno e Max Horkheimer, e identificaram a forte influência do modo de pensar ciência das Ciências Naturais nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Refletem que tal influência é devida ao pioneirismo das Ciências Naturais no campo da pesquisa e que as Ciências Humanas criaram um campo a parte para seus estudos, contrapondo-se àquelas ciências. Concluem que é necessário **agir** para que a lógica da academia não se assente numa espécie de indústria semiformativa.

Em um quarto bloco, a **reflexão** se volta à história das instituições. Viviane Fernandes Faria Pinto, Fernanda Müller e Juarez José Tuchinski dos Anjos em “Entre o plano e o vivido: a inauguração de Brasília e dos Jardins de Infância” **refletem** sobre a relação que se estabeleceu entre um projeto educativo voltado às crianças e o plano da cidade entre 1960, quando surgiram os Jardins de Infância, e 1962, momento em que começou a funcionar a primeira creche da cidade, e revelam a relação entre utopia e distopia provocada pela distância entre o planejado e o vivido. Finalizam seu artigo declarando que embora muitos problemas tivessem sido enfrentados durante a implantação de um projeto educacional inovador em contraponto a uma realidade permeada por contradições e conflitos, a educação da infância neste período se realizou, oportunizando vivências e experiências únicas.

Denize Sepulveda e José Antonio Sepulveda em “Por uma história de práticas homoeróticas na Casa de São José/Instituto Ferreira Viana (1888-1923)”, levantaram informações nos arquivos do Centro de Memória José do Patrocínio, responsável pelo acervo documental da antiga Casa de São José e do Instituto Ferreira Viana com o objetivo investigar como era tratada a questão do homoerotismo dentro de uma instituição asilar no início da república marcada pelo higienismo. Fizeram uso do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg como referência metodológica e do arcabouço teórico desenvolvido por Michel Foucault para **refletir** se práticas homoeróticas que ocorriam na instituição eram consentidas ou não. Suas

análises permitem dizer que a partir de uma ideia higienista de moral que dominava os corpos de órfãos, pobres, abandonados e desvalidos sociais por meio de técnicas de regulação, controle e dominação - importantíssimas para o funcionamento do Estado - fazia parte de um complexo arranjo de governamentalidade naquele período. Os autores concluem que é possível que o “mau comportamento”, os “maus hábitos” dos meninos asilados estavam relacionados a questões homoeróticas, portanto, a ações que fugiam às regras morais de conduta estabelecidas pela Casa e pela sociedade da época.

Concluimos este número com uma seção de Revisão de Literatura.

A primeira, “A produção científica sobre o ensino de Psicologia nos cursos de Pedagogia: uma revisão sistemática de literatura” foi elaborada por Ana Paula Gonçalves Arantes Gennari e Marília Bazan Blanco que intentaram analisar a disciplina de Psicologia da Educação nos cursos de Licenciatura, mais especificamente no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Da extensa busca em diferentes bases de dados (Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; *Scientific Electronic Library Online*; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; periódicos classificados com Qualis A1, A2 e B1 em Ensino e que também apresentassem classificação em Psicologia na Plataforma Sucupira no Quadriênio 2013-2016), as autoras analisaram 23 trabalhos que mostraram que não há uma padronização do ensino de Psicologia nas Licenciaturas, uma vez que não há um consenso sobre o que deve ser ensinado. Porém, as autoras destes estudos defendem o ensino da disciplina Psicologia da Educação como fundamento teórico metodológico, justificando que, ao se apropriarem deste referencial, os professores podem melhor atuar no processo de ensino e aprendizagem. Ana Paula e Marília **refletem** que há necessidade de mais estudos sobre o ensino de Psicologia nas Licenciaturas e de **agir** para superar a fragmentação e a desarticulação entre as teorias de aprendizagem e a prática pedagógica.

A segunda revisão, “Que podem corpos, gêneros e sexualidades nas pesquisas com formação de professores?”, de Evanilson Gurgel e Marlécio Maknamara, parece imbricar com a anterior, uma vez que, como o próprio título enfatiza, objetivou

refletir sobre o que se diz, não se diz e o que ainda há para ser dito na formação de professores sobre corpos, gêneros e sexualidades. Os autores fizeram um levantamento bibliográfico de textos que foram apresentados em reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação entre 1997 e 2015. Foram encontrados 400 trabalhos apresentados na modalidade comunicação oral e 159 pôsteres no GT Formação de Professores e no GT Gênero, Sexualidade e Educação, 33 pôsteres e 167 trabalhos de comunicação oral. Deste total, os autores analisaram 33 textos, **refletindo** sob a iluminação de Michel Foucault e consideraram os resultados inquietantes, pois a “trinca corpos-gêneros-sexualidades” não foi efetivamente abordada pelos diferentes pesquisadores. Evanilson e Marlécio propõem **agir** sobre os não-ditos acerca desta trinca desde a formação inicial de professores, a fim de que corpos possam ser reinventados, as diferenças vivenciadas e novos saberes sobre as sexualidades reivindicados.

Espero que todos possam **refletir** sobre o que leram e se sintam desafiados a **agir** em defesa de uma educação transformadora.

Desejo a todos, boa leitura!